

LINGUAGENS E SOCIEDADES: (RE)LENDO E (RE)PENSANDO DISCURSOS E ENSINO DE LÍNGUAS EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS

É por meio da linguagem que o homem se situa e é situado na sociedade, na natureza e no mundo. A harmonia da natureza depende de uma boa comunicação entre os entes que a constituem. Nesse sentido, língua, sociedade e natureza estão intrinsecamente relacionadas e, numa perspectiva sociohistórica, possibilitam uma permanente e dinâmica relação cósmica dialógica, adaptável à abertura, ao movimento e à heterogeneidade. (Baniwa, 2016, p. 43).

A presente edição, intitulada de *Linguagens e Sociedades: (re) lendo e (re) pensando o ensino de línguas em contextos contemporâneos*, traz em sua capa um rasgo fotográfico do dia 15 de maio de 2023, em que alunos indígenas e não indígenas caminharam em marcha em direção à pró-reitora de pesquisa da Universidade Federal do Acre (Ufac). As alunas e os alunos são ingressantes nos cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da mesma Instituição. A caminhada, que se repetiu outras vezes ao longo do período inicial de aulas, teve como objetivo reivindicar assistência aos novos alunos e alunas e principalmente aos estudantes indígenas que vieram de diferentes territórios das amazônias brasileiras e andinas e ficaram nas dependências da instituição, que deveria os acolher e destinar condições de estadia, alimentação e estudos.

Dito isso, destaco que o interesse não ingênuo da fotografia para ser a porta de entrada para os textos tecidos nesta edição, parte substancialmente de (re)pensarmos as tensões e enfrentamentos que decorrem das lutas políticas que reivindicam o ensino de diferentes línguas dentro dos contextos amazônicos, principalmente contextos institucionais. Gersem Baniwa destaca em seu texto *Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena*, que o Estado por meio da escola e, também, da universidade continua sustentando uma relação assimétrica de dominação, negação e opressão, se tratando de grupos historicamente subalternizados.

Não distante da realidade mencionada, a fotografia que compõe um dos elementos de linguagem da capa, busca inquietar, cortar, incomodar e fazer (re)pensar sobre os trânsitos ocorridos nos espaços acadêmicos nos últimos anos, trânsitos que desnudam a fragilidade em

lidar com o diferente. Não obstante exista um embate político constante, para que setores marcados pelo colonialismo perpetrado seja ocupado, tomado, territorializado, mudado, apropriado por grupos minorizados, mas que são maioria, uma maioria que por muito tempo foi interdita, mas, doravante, ocupa, e faz tremer as bases de um sistema estruturado para oprimir.

Gersem Baniwa destaca que o mundo está sempre em constante mudança e transformação, e as línguas, instrumentos cósmicos também fazem parte desse processo, pois é na linguagem que as pessoas são situadas na natureza e no mundo. E quando falamos em mundo, destacamos que o mundo é aquilo que nos cerca, o mundo dentro daquilo que ele significa para nós, dentro do nosso contexto.

Baniwa nos ensina ainda que as múltiplas línguas e linguagens são importantes para o intercâmbio de saberes, valores e experiências nesse espaço-mundo. Contudo, sabemos que proporcionar essas trocas parte também de enfrentamentos e embates no campo simbólico e discursivo. Nesse sentido, tecer uma narrativa a contrapelo como nos ensina Benjamin, é assumir uma postura política, diante disso, cada linha tecida com cautela e precisão conta de/e sobre um discurso, uma narrativa, uma história lançada no mundo.

Por fim, se tudo que ganha sentido se projeta por meio do discurso e da linguagem, então é lá que devemos reivindicar o direito às múltiplas existências e língua(gens), negociadas e marcadas pelas resistências e insurgências daquelas e daqueles que não admitiram o apagamento como destino.

Thais Albuquerque Figueiredo
Mestranda do PPGLI/Ufac